

O Reformador Desconhecido Caspar Schwenckfeld Von Ossig (1489 – 1561)

Em determinado momento durante o ano de 1518, ou talvez 1519, Gaspar Schwenckfeld experimentou o que chamou de *visitação divina*. Segundo seu próprio relato, ele não havia sido especialmente religioso nos seus primeiros anos como conselheiro da corte, mas seu padrão de comportamento mudou sensivelmente depois desta ocasião.

Esta visitação não foi a única mudança por que passou na época. Ele foi também diretamente influenciado pelos escritos de Lutero, e iniciou simultaneamente um estudo sério das Escrituras. Pouco antes de setembro de 1519, seu pai faleceu e, logo após, Schwenckfeld começou a perder sua audição, o que o obrigou a voltar à propriedade da família em Ossig e a servir ao Duque Friedrich apenas como conselheiro ocasional, embora ainda mantivesse sua influência na corte.

Em 1521, ele já estava trabalhando seriamente em favor da causa da reforma e, em 1522 havia conquistado o apoio do Duque. Porém, desde o princípio, a posição de Schwenckfeld parece ter diferido um pouco de Lutero e, em 1524, estas diferenças já estavam bem claras. Em junho daquele ano, ele publicou uma *Advertência* aos pregadores silesianos (da Silésia, província alemã que hoje pertence à Polônia), em que procurou retificar os problemas que via na teologia de Lutero.

Sua preocupação maior era com cinco princípios fundamentais da posição de Lutero que, a seu ver, estavam desviando o povo simples daquela época. Estes princípios eram: (1) que somente fé justifica; (2) que o indivíduo não tem livre arbítrio; (3) que não podemos guardar os mandamentos de Deus; (4) que nossas obras não têm valor algum; (5) que Cristo nos proveu satisfação total.

A Natureza da Fé

Sempre preocupado com os resultados práticos da teologia, Schwenckfeld não rejeitou estes princípios categoricamente na sua obra *Advertência*. De fato, no início era justamente seu aspecto prático que o atraiu a dar seu apoio à reforma. Mas, em 1524, ele havia chegado à conclusão de que, se levadas a extremos, estas pedras fundamentais da reforma poderiam acabar derrotando o seu próprio objetivo.

A fim de compreender mais plenamente o que isto significa, talvez seja proveitoso se afastar por um momento dos argumentos específicos e examinar o debate em torno do primeiro princípio, que “fé sozinha justifica”.

A teologia herdada por Schwenckfeld *sempre* ensinara que o indivíduo é justificado por graça e pela fé – era a posição tanto católica como protestante. O problema surgia em relação à *natureza da fé* que pode justificar. Os católicos daquela época ensinavam que a fé que justifica precisa ser compreendida no contexto de Gálatas 5:6: “Porque em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão, tem valor algum, mas a *fé que atua pelo amor*”.

Era esta última oração, “que atua pelo amor”, que levava aos problemas apontados por Lutero. Quando interpretada de forma simplista por alguns teólogos, esta expressão

acabou significando que a fé para ter valor *dependia* dos atos de amor através do qual atuava. Pior ainda, por meio dos burocratas eclesiásticos, “obras de amor” vieram a ser entendidas como o cumprimento de regulamentos religiosos institucionalizados.

Neste contexto, podemos compreender o sendo de libertação que veio, tanto a Lutero como a Schwenckfeld, quando leram Efésios 2:8: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé”. Aqui “fé” estava sozinha; as palavras “que atua pelo amor” não estavam presentes e o restante do versículo enfatizava ainda mais este fato: “e isto não vem de vós, é dom de Deus, não de obras...”.

A fé era eficaz *por si mesma* para trazer salvação e não exigia *obras de amor*, pelo menos no sentido de guardas as regras particulares estabelecidas num código de lei eclesiástica, ou de recitar orações pré-formuladas.

Diferentemente de Lutero, Schwenckfeld não passou a limitar sua teologia por este entendimento (o chamado “cânon dentro do Cânon” de Lutero). Ele estava sempre mais preocupado com os resultados do sistema teológico na vida dos indivíduos e na sociedade em que viviam. Ele falava freqüentemente da sua obra como “o caminho do meio” entre as duas posições que haviam se tornado profundamente antagônicas naquele início do século XVI. Assim, continuou a sustentar a necessidade de obras cristãs de amor ao mesmo tempo em que apoiava o que considerava a revelação central do movimento de Wittenberg. Os resultados eram o que se podia esperar: Schwenckfeld foi visto por ambos os lados como alguém que apoiava seus adversários.

O Centro Sacramental da Fé

Surpreendentemente, não foi em torno das questões ressaltadas na sua *Advertência* de 1524 que o verdadeiro debate entre Schwenckfeld e Lutero surgiu. Achar um caminho do meio entre dois adversários, como no caso da questão “fé-obras” era uma coisa; é completamente outra quando um tópico surge em que há três opiniões conflitantes. Era este o caso na questão da Ceia do Senhor.

No meio da década de 1520, este debate já estava completamente desabrochado. Os católicos defendiam que quando o sacerdote elevava o pão no altar e pronunciava as palavras de consagração, este se transformava no Corpo de Cristo (Esta posição é chamada *transsubstanciação*). Os suíços, sob a liderança de Ulrich Zwinglio, por outro lado, rejeitavam esta posição totalmente e insistiam que o pão só *representava* o corpo de Cristo. Num sentido, neste desacordo, a posição de Lutero era o caminho do meio. Aqueles que o seguiam ensinavam que o sacramento envolvia mais que mera representação, mas rejeitavam qualquer interpretação que pudesse levar alguém a pensar em termos de transformação mágica. O corpo de Cristo, segundo seu ensinamento, estava “em, com e sob” o pão (posição chamada *consubstanciação*).

Para Schwenckfeld, as três explicações eram satisfatórias. Outra vez, o que o incomodava mais que as teologias divisórias do Sacramento eram os resultados práticos. Aqueles que comem e bebem indignamente do corpo e sangue de Cristo, como ensinava o apóstolo Paulo, eram culpados de “profanar” o corpo e o sangue (1 Co 11:27). O que poderia tornar a participação mais indigna do que fazer isto enquanto ao mesmo tempo se anatematizava os outros cristãos? Todos os três grupos que representavam as diferentes posições sobre a Ceia celebravam este rito central da fé e unidade cristã *ao mesmo tempo em que declaravam guerra aberta* contra os outros cristãos.

A situação era uma ofensa aberta à Fé e Schwenckfeld logo se preocupou com isto. Ele e seu amigo erudito, Valentine Crautwald, haviam discutido a questão, exaustivamente certo dia, o que havia deixado Crautwald profundamente conturbado.

Depois de participar da comunhão bem cedo no dia 16 de setembro de 1525, Crautwald voltou para casa para refletir mais sobre o assunto. Depois de um dia inteiro de reflexão, ele adormeceu por um tempo e acordou antes do amanhecer do dia 17. De repente, todas as passagens das Escrituras relacionadas com o assunto estavam diante dele e uma “doce voz” as abriu ao seu entendimento.

A visão que experimentou e os dez dias seguintes que passou examinando detalhadamente suas implicações foram descritos numa carta para Schwenckfeld. Schwenckfeld, por sua vez, desenvolveu os resultados da visão junto com Crautwald.

De acordo com seu entendimento, as palavras disputadas da instituição do sacramento deveriam ser lidas assim: “Este é o meu corpo, ou seja, o alimento”; Foi só depois que os discípulos haviam comido o pão e tomado o vinho que Jesus disse estas palavras. O pão não se torna alimento enquanto o trigo não crescer, e não for também colhido, moído, assado e ingerido; quando se come o pão, este serve para nutrir e fortalecer o corpo. A palavra “é” da frase “Este é o meu corpo” significa “é”, não “representa”, mas temos de distinguir entre o físico e o espiritual.

Pela fé, então, realmente se come o corpo espiritual de Cristo, e com o tempo Schwenckfeld e Crautwald desenvolveram as implicações da sua teologia, ensinando que os grãos espirituais comidos pela fé crescem no crente, transformando-o mais e mais à plena imagem de Deus, à pessoa de Cristo.

No dia 30 de novembro de 1525, dois meses após a visão de Crautwald, Schwenckfeld viajou para Wittenberg para apresentar seus achados a Lutero. Porém, suas idéias foram rejeitadas pelo reformador e daí em diante os caminhos dos dois passaram a ser totalmente separados.

A Suspensão do Sacramento

Apesar da oposição de Lutero, Schwenckfeld parece ter mantido esperanças de que seu “caminho do meio” ainda pudesse se tornar uma realidade. Voltar para Liegnitz e lá, com a ajuda do Duque e da irmandade que se formou como resultado das suas idéias, trabalhou intensamente em prol da reforma da igreja na sua região. Apoiou a fundação de uma universidade em Liegnitz e encorajou extensivo trabalho catequético, tanto no sentido teórico como prático.

Continuou também a escrever e falar em favor da sua explicação da Ceia do Senhor. E quanto à *prática* da Ceia? Os cristãos ainda estavam brigando uns com os outros e agora Schwenckfeld também estava no campo de batalha. No dia 21 de abril de 1526, ele, Crautwald e os pregadores e pastores de Liegnitz publicaram uma carta circular expressando a tensão que vinham sentindo e a solução para a situação impossível em que se encontravam.

“O fato da questão é esta”, disseram. “Nós e muitos outros, inclusive pessoas da população em geral, temos sentido que pouca diferença para o melhor está ocorrendo,

até agora, como resultado da pregação do Evangelho e, portanto, alguma coisa deve estar errada. E o que pode estar mais errada do que a celebração imprópria do rito cristão central? Como este é o caso, pensamos que o Santo Sacramento ou mistério do corpo e do sangue de Cristo ainda não foi observado de acordo com o Evangelho e a ordem de Cristo. Aqueles que comem e bebem indignamente comem e bebem condenação para si mesmos e, portanto, admoestamos a todos para que neste tempo crítico *suspendamos temporariamente* a observância deste tão venerado Sacramento”.

A suspensão nada fez para diminuir as tensões dentro da cristandade; durante os quatro anos seguintes, a maior parte dos escritos de Schwenckfeld foi dedicada a esta questão. Seu Duque, Friedrich II, o apoiou; entretanto, à medida que o calor do debate reformista aumentava, Friedrich se via cada vez mais num dilema. Politicamente, era necessário que os silesianos se aproximassem como expoente da posição contrária a Lutero, isto era quase impossível.

Finalmente, em 1529, para evitar maiores embaraços ao seu duque, Schwenckfeld entrou em exílio voluntário. O lugar mais razoável para se refugiar era a cidade de Strasbourg, que na época passava por uma reforma sob liderança de Martin Butzer.

Período em Strasbourg

Strasbourg era um lugar excepcionalmente tolerante para aquela época e, conseqüentemente, atraía pessoas e opiniões religiosas muito variadas. Foi aqui, por exemplo, que Schwenckfeld conheceu o anabatista, Pilgram Marpeck, com quem teria um longo debate na década de 1540. Foi aqui também que parece ter conhecido as idéias de Melchior Hofmann, cuja posição sobre o corpo celestial de Cristo tinha muito em comum com seus próprios pensamentos.

Embora mantivesse um tom pacífico nos seus debates, Schwenckfeld conservava uma posição de firmes convicções. Defendia suas idéias com erudição e consistência e o número de seguidores atraídos por ele obrigou seus adversários a levá-lo a sério (além do fato de ser um membro da nobreza).

Entretanto, seu ponto de vista nunca deixou de ser minoritário e jamais foi apoiado por um poderoso líder político. A implicação disso era que debatia sem ter qualquer chance de aceitação mais ampla. Este padrão continuou durante toda sua vida.

Como outros defensores de posições teológicas impopulares da época, Schwenckfeld sem dúvida sofreu perseguição até o fim da sua vida nunca pôde estabelecer residência permanente em qualquer lugar. Mesmo assim, foi possível durante períodos significativos de tempo encontrar a estabilidade física necessária para estudo e para produzir seus numerosos tratados teológicos e cartas.

Confessor da Glória de Cristo

Em 1541, ele estava morando perto da cidade de Kempten, no sul da Alemanha, onde tinha acesso à biblioteca de um mosteiro beneditino. Foi neste ano que também completou sua maior e mais complexa obra, *A Grande confissão sobre a Glória de Cristo*.

O pensamento de Schwenckfeld sobre a natureza e pessoa de Cristo se desenvolveu completamente até o ano de 1538, no máximo, mas suas reflexões sobre a

questão começaram com seus primeiros escritos sobre o sacramento na década de 1520. Sua preocupação constante era que o Corpo de Cristo não fosse menosprezado, ou para dizer de forma mais positiva, que o corpo glorificado de Cristo fosse devidamente confessado.

Com a cristologia de Schwenckfeld não era aceita por seus contemporâneos ou pelas gerações seguintes (pelo contrário, era considerada heresia pela maioria), ainda hoje é notada como um dos aspectos “peculiares” do seu pensamento. Contudo, peculiar ou não, era o ponto central da sua obra e, em honra desta doutrina fundamental, seus seguidores continuaram a se denominar “Confessores da Glória de Cristo”, até o século XVIII.

Em síntese, Schwenckfeld via duas naturezas (uma divina e uma humana) na pessoa de Cristo, o que estava de acordo com a ortodoxia cristã. A diferença era que pensava na natureza humana dele em termos de um “corpo celestial”.

O corpo de Jesus, segundo ensinava, foi progressivamente divinizado pela sua natureza divina ao longo da sua peregrinação terrena, de tal forma que foi transfigurado e posteriormente ressuscitado, levado ao céu e glorificado à destra do Pai. O crente se alimenta espiritualmente, pela fé, deste corpo glorificado que, por sua vez, cresce como grão de mostarda no seu interior à medida que se transforma, dia a dia, na imagem de Cristo.

Se a cristologia de Schwenckfeld pode ser defendida como ortodoxa ou não é uma questão à parte. O que se deve compreender aqui é a intenção dele em desenvolver tal doutrina. Ele nunca pensava de forma simplista ou literal. O corpo glorificado de Cristo que está assentado à destra do Pai é o corpo do qual se participa no Sacramento. Não se deve separá-lo do corpo de Cristo no qual os crentes vivem e se movem e que é chamada “Igreja”.

Desta forma, a pessoa come e bebe juízo para si mesma, de acordo com 1 Coríntios 11:29, quando come e bebe do corpo e do sangue de Cristo na Ceia do Senhor “sem discernir o corpo”, onde “corpo” se refere ao pão que é o corpo espiritual de Cristo – a comunidade de crentes em todo o mundo, ou seja, a Igreja – e ao próprio corpo glorificado de Cristo.

Ao participar do sacramento sem discernimento – sem reconhecer que a Igreja é o corpo universal (católico) de Cristo, e não meramente a entidade física, social e política constituída daqueles que defendem em comum determinadas doutrinas em contraposição a outras – nós menosprezamos o Cristo glorificado.

Buscando a Paz

Foi por esta razão que Schwenckfeld se opôs tão veementemente ao anabatista Pilgram Marpeck. Marpeck e os anabatistas (posteriormente menonitas) enfatizavam o Jesus de Nazaré histórico. Schwenckfeld não se opunha a esta ênfase e certamente apoiava também os esforços dos anabatistas em imitar a vida terrena de Jesus. Mas, além disso, seu desejo era que “elevassem seus corações” à imagem do Cristo glorificado de tal forma que não se envolvessem somente nas suas preocupações pela pureza da vida local e limitada de sua própria congregação.

Esta teologia do Cristo glorificado era também a base para sua preocupação com unidade e tolerância. Ao confessar a glória de Cristo, isto não implica em supor que todas as opiniões religiosas têm igual valor nem em considerar que a escolha delas é meramente uma questão de gosto. Para Schwenckfeld, a tolerância religiosa depende não de olhar abaixo de si mas de fixar o alvo acima das próprias possibilidades. Somente quando todos os crentes estivessem olhando àquele que está acima de todos os outros é que a suspensão do sacramento poderia terminar em virtude da chegada da realidade, uma esperança que manteve durante toda sua vida, e pela qual ainda ansiava, pelo que sabemos, quando faleceu na casa de amigos na cidade de Ulm em 1561.